



A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM UM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Anna Ramila de Sousa Reis (UNICESUMAR)¹

Resumo: A Sociolinguística Educacional interessa-se pela abordagem, no ambiente escolar, da relação entre língua e sociedade e dos fenômenos de variação linguística. Nessa perspectiva, no presente trabalho, busca-se analisar como a variação linguística é abordada no livro didático (LD) de língua portuguesa do 6º ano do ensino fundamental das autoras Cibele Lopresti Costa e Greta Marchetti (2018). Esta pesquisa tem como objetivos específicos: analisar as seções do livro didático que abordam fenômenos relacionados à variação linguística e relacionar os gêneros textuais apresentados no livro ao tema da variação linguística. O estudo dessa temática oportuniza a ampliação do repertório linguístico dos alunos e colabora para a desmistificação da ideia de que a língua é homogênea. O arcabouço teórico-metodológico deste trabalho contempla relevantes contribuições de autores que já trataram do tema, como Alkmim (2012), Dias (2011), Bagno (2007), Cezario e Votre (2008) e Travaglia (1998). A pesquisa é de caráter bibliográfico e descritivo e analítico, a fim de realizar uma análise crítica sobre o LD. Os resultados demonstram que alguns exercícios são superficiais e ainda colocam a variedade padrão de forma equivocada como modelo de uso da língua, propondo, por exemplo, a substituição de expressões regionais pelo registro padrão, sem contextualizar suas diferenças.

Palavras-chave: Livro didático. Sociolinguística Educacional. Variação linguística.

Abstract: Educational Sociolinguistics is interested in approaching, in the school environment, the relationship between language and society and the phenomena of linguistic variation. From this perspective, in the present work, we seek to analyze how linguistic variation is addressed in the Portuguese-speaking textbook (LD) of the 6th grade of elementary school by the authors Cibele Lopresti Costa and Greta Marchetti (2018). This research has the following specific objectives: to analyze the sections of the textbook that address phenomena related to linguistic variation and relate the textual genres presented in the book to the theme of linguistic variation. The study of this theme makes it possible to expand the students' linguistic repertoire and helps to demystify the idea that language is homogeneous. The theoretical-methodological framework of this work includes relevant contributions from authors who have already dealt with the subject, such as Alkmim (2012), Dias (2011), Bagno (2007), Cezario and Votre (2008) and Travaglia (1998). The research is bibliographical, descriptive and analytical, in order to carry out a critical analysis of the textbook (LD). The results demonstrate that some exercises are superficial and still wrongly place the standard variety as a model for language use, proposing, for example, the replacement of regional expressions by the standard register, without contextualizing their differences.

Keywords: Textbook (LD). Educational Sociolinguistics. Linguistic variation.

¹ Graduada em Letras Português pela UESPI – Universidade Estadual do Piauí, pós-graduanda em Língua Portuguesa e Literatura no contexto escolar, pela UniCesumar - Universidade Cesumar de Piripiri, Brasil. Email: annaramilareis@gmail.com.



1. Introdução

No presente trabalho, propõe-se investigar como a variação linguística é abordada em um livro didático (LD) de língua portuguesa do 6º ano do ensino fundamental, das autoras Cibele Lopresti Costa e Greta Marchetti (2018). Isto é, pretende-se identificar como a Sociolinguística Educacional está contribuindo para o ensino das variações da língua em sala de aula. Esta pesquisa tem como objetivos específicos: analisar as seções do livro didático que abordam fenômenos relacionados à variação linguística e relacionar os gêneros textuais apresentados no livro ao tema da variação linguística.

A pesquisa justifica-se porque o tema é de grande relevância no âmbito do ensino de língua portuguesa, visto que o estudo da variação linguística oportuniza a ampliação do repertório linguístico dos alunos. Além disso, o assunto tem repercutido nos principais documentos norteadores dos currículos da educação básica. Logo, o LD precisa estar alinhado a essas orientações. Por fim, considera-se que essa discussão colabora para a desmistificação da ideia de que a língua é homogênea, contribuindo, assim, para o combate ao preconceito linguístico.

Nesse sentido, o arcabouço teórico-metodológico desta pesquisa contempla relevantes contribuições de professores e pesquisadores que já trataram do tema. A escolha do LD surgiu no período de observação das aulas no Estágio Supervisionado II, em uma comunidade da zona rural de Piripiri-Pi em que a professora titular não utilizou ele para abordar o tema em sala de aula. Pelo contrário, levou vídeos, tiras e história em quadrinhos relacionados a fala do personagem Chico Bento e a variação linguística regional (característica que o LD não apresenta). Portanto, surgiu a seguinte problemática de pesquisa: De que modo a variação linguística é abordada em LD do 6º do ensino fundamental? Tendo em vista que por ser gratuito, muitas vezes é a ferramenta de pesquisa mais utilizada dentro da sala de aula.

Esta pesquisa é de caráter bibliográfico, abrange artigos, livros e teses relacionados à temática; e descritivo e analítico, tendo em vista que propõe realizar uma análise crítica sobre o LD com foco na abordagem sobre variação linguística. O LD em análise integra o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2020 e será utilizado até o ano de 2023. Faz parte da coleção *Geração Alpha*, tendo como autoras Cibele Lopresti Costa e Greta Marchetti. Sua estrutura é composta por oito unidades, com dois capítulos em cada uma, divididos em 280 páginas.

Nas próximas seções, discutem-se: o surgimento da Sociolinguística; os principais tipos de variação linguística no português brasileiro; a Sociolinguística Educacional e o ensino da variação linguística sob a perspectiva da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL,



2017). Além disso, será analisada a estrutura do livro didático e as abordagens sobre variações linguísticas presentes nele. Ademais, a pesquisa apresentará a conclusão e sugestões de pesquisas futuras, que venham a contribuir para o tema.

2. Sociolinguística

Como assegura Alkmim (2012), a Sociolinguística é uma área da Linguística que surgiu na década de 1960, nos Estados Unidos, a partir de um congresso desenvolvido por William Bright na Universidade da Califórnia. Para tratar dessa área que se dedica às relações entre sociedade e linguagem, participaram desse Congresso: William Labov, Dell Hymes, John Gumperz, Einar Haugen, John Fisher, e José Pedro Rona. Bright, em 1966, organizou os trabalhos produzidos no evento e publicou com o título de *Sociolinguistics*.

Desde então, essa área tem se desenvolvido no estudo da relação entre linguagem e sociedade, em outras palavras, apresenta como seu objeto de estudo a língua falada em situações reais de uso. Convém ressaltar que a Sociolinguística tem como foco principal a comunidade linguística, isto é, um conjunto de indivíduos que se comunicam verbalmente, orientados pelas mesmas regras. Assim, pode-se dizer que em toda comunidade linguística as pessoas empregam diferentes formas de falar, que são denominadas de variações linguísticas (ALKMIM, 2012, p. 33-34).

Em linhas gerais, pode-se dizer que a Sociolinguística surgiu visto que os estudos de linguagens que existiam anteriormente não englobavam as variações existentes na língua. Alguns autores nomeiam a Sociolinguística de: “Sociolinguística variacionista”, “Sociolinguística quantitativa” ou “Teoria da variação”. Essa área de estudo busca apontar as principais causas de variação linguística, levando em consideração que não são eventuais, e sim motivadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. Assim, Cezario e Votre (2008) afirmam que

A pesquisa sociolinguística tem como ponto de partida o objeto de estudo para daí construir o modelo teórico. O objeto de estudo normalmente se localiza no uso do vernáculo, ou seja, da língua falada em situações naturais, espontâneas, em que supostamente o falante se preocupa mais com *o que* dizer do que com *o como* dizer. Trabalha-se com o falante-ouvinte real, em situações reais de linguagem. Busca-se, através do estudo das manifestações linguísticas concretas, descrever e explicar o fenômeno da linguagem. (CEZARIO; VOTRE, 2008, p. 149).

Em síntese, observa-se que a Sociolinguística busca evidenciar os modos de falar dos indivíduos, bem como desfazer a ideia de que existe “certo” ou “errado”, “melhor” ou “pior”,



quando se trata da variação linguística. Nesse sentido, é importante que essas variações sejam abordadas no âmbito educacional, haja vista que a língua sob a perspectiva da Sociolinguística é vista como uma instituição social. Nesse viés, na seção a seguir do trabalho, discutem-se as variações presentes no português brasileiro.

3. As variações linguísticas do português brasileiro

Levando em consideração que, neste estudo, serão analisadas como as variações linguísticas são abordadas em um livro didático de língua portuguesa do 6º ano do aluno, torna-se imprescindível trazer as principais contribuições de autores que estabelecem os tipos básicos de variações linguísticas do português brasileiro. Nesse sentido, Alkmim (2012) e Cezario e Votre (2008) asseguram que toda língua natural é heterogênea.

Dentre as variações linguísticas existentes no Brasil, a linguista Alkimim (2012) assevera que podem ser citados três tipos principais: a variação geográfica ou diatópica, a variação social ou diastrática e a variação estilística ou de registro. A variação geográfica ou diatópica refere-se às diferenças linguísticas entre falantes de regiões distintas. Por exemplo, no território brasileiro, pode ser observado esse fenômeno na Bahia em que os falantes empregam a expressão “de primeiro” para se referir a “antigamente” (ALKIMIM, 2012, p. 36-37).

Para Alkimim (2012), a variação social ou diastrática refere-se a um grupo de fatores relacionados com aspectos socioculturais e de identidade dos falantes. Dentro dessa perspectiva, quatro fatores compreendem essas variáveis: classe social, idade, sexo, situação ou contexto social. No que tange à classe social, pode ser citado como exemplo, o uso de dupla negação, ou a presença de [r], no lugar do [l]. Já em relação à variável idade, um dos exemplos mais clássicos é o uso de gírias pelos falantes da faixa etária mais jovem. (ALKMIM, 2012, p.37-38).

Por conseguinte, o terceiro fator relaciona-se com o sexo dos falantes, no qual as mulheres costumam utilizar mais o diminutivo do que os homens. Por último, tem-se a situação ou o contexto social, que diz respeito à situação comunicativa em que o indivíduo está inserido, ou seja, é a capacidade que o falante possui de adaptar a sua fala de acordo com o contexto, seja este em um bar ou em uma conferência (ALKMIM, 2012, p.38).

Alkimim (2012) salienta ainda que as variações estilísticas ou de registro relacionam-se ao contexto e que “os falantes diversificam sua fala - isto é, usam estilos ou registros distintos - em função das circunstâncias em que ocorrem suas interações verbais.” (ALKMIM, 2012, p.

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 18 n° 01 (2025): e11726

ISSN: 2358-8403

<https://doi.org/10.30681/real.v18i01.11726>



40). Em outras palavras, nas comunicações verbais o falante fará o uso de variações linguísticas adquiridas ao longo de sua vida, em conformidade com o contexto em que estiver inserido.

Paralelamente a isso, torna-se importante apontar a contribuição do renomado linguista brasileiro Luiz Carlos Travaglia (1998) acerca da variação linguística. O autor afirma que esta se divide em dois tipos: os dialetos e as variações de registro. Enquanto os dialetos acontecem por meio dos indivíduos que utilizam a língua, as variações de registro são acarretadas em função de como estes empregam a língua. Além disso, Travaglia diz que “Os estudos sobre variação linguística registram pelo menos seis dimensões de variação dialetal: a territorial, a social, a de idade, a de sexo, a de geração e a de função.” (TRAVAGLIA, 1998, p. 42, grifos do autor).

Dessa forma, é relevante mencionar que, para Travaglia (1998), a variação dialetal na dimensão da geração, também conhecida como variação histórica, pode ser observada na língua escrita, pois essa modalidade colabora para que existam por muito tempo e para que, futuramente, com os avanços das tecnologias, sejam viáveis as observações e os estudos acerca das variações constituídas na oralidade. Desse modo, torna-se necessário tratar da área que defende que as variações linguísticas sejam abordadas dentro da sala de aula, isto é, a Sociolinguística Educacional e posteriormente o ensino da língua materna.

4. Sociolinguística educacional

Para discutir acerca da Sociolinguística Educacional, esta pesquisa aborda o aporte de Dias (2011), que afirma que a Sociolinguística no âmbito educacional deve contribuir para que os alunos percebam que estão inseridos em uma sociedade em que ainda existe preconceito acerca de algumas formas linguísticas. Para a autora, é papel da escola dar voz ao aluno no que tange às suas variações linguísticas, como também promover a ampliação do seu repertório linguístico e desmistificar o pensamento de que exista um modelo de linguagem a ser seguido.

Ademais, Dias (2011) defende que “[...] no processo de letramento escolar, ao se apoderar da escrita e das normas que ela veicula, o aprendiz passa a modular sua fala, conscientizando-se de que há formas mais adequadas para esse e aquele contexto.” (DIAS, 2011, p. 84). Ou seja, o professor de língua portuguesa deve dar a oportunidade para o aluno conhecer as variantes estigmatizadas e as não estigmatizadas no corpo social, e adequá-las conforme o contexto que estiver inserido.

Neste sentido, destaca-se a contribuição de uma reconhecida pesquisadora da área da Sociolinguística e do ensino da língua materna, Bortoni-Ricardo, que declara que “A

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 18 n° 01 (2025): e11726

ISSN: 2358-8403

<https://doi.org/10.30681/real.v18i01.11726>



Sociolinguística é uma ciência que nasceu preocupada com o desempenho escolar de crianças oriundas de grupos sociais ou étnicos de menor poder econômico e cultura predominantemente oral.” (BORTONI-RICARDO, 2014, p. 157). Para a autora, a Sociolinguística Educacional utiliza-se das pesquisas da Sociolinguística para promover a eficiência no que se refere ao ensino da língua portuguesa.

Nessa perspectiva, é válido evidenciar mais contribuições de Travaglia que, em sua obra *“Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus (1998)”*, aborda os motivos de se manter o ensino de língua portuguesa para falantes de português. Assim sendo, defende que existem quatro principais objetivos (respostas) que reconhecem a importância do ensino da língua portuguesa a falantes nativos de português.

O primeiro objetivo que justifica o ensino da língua materna refere-se à competência comunicativa, isto é, através do estudo da língua, o falante desenvolve a capacidade de adequar o seu repertório verbal a qualquer situação comunicativa. Acrescentando-se a isso, o autor afirma que o segundo objetivo está voltado para docentes de português, haja vista que estes devem ensinar a variedade escrita da língua e a norma culta para o aluno, bem como ensiná-lo a diferenciar em qual situação de interação comunicativa cada uma deve ser usada.

Além disso, Travaglia (1998) afirma que o terceiro objetivo de ensinar a língua materna relaciona-se ao conhecimento da instituição linguística pelo aluno, isto é, aprender a forma e a função da língua, visto que esta é uma instituição social. Ademais, o quarto objetivo volta-se para o âmbito escolar, no qual busca-se incentivar o aluno a raciocinar e a pensar cientificamente. Conclui-se, assim, que, considerando as respostas ao questionamento sobre os objetivos do ensino da língua materna, faz-se necessário investigar como a língua e quais as variações linguísticas realmente estão sendo ensinadas no âmbito educacional.

De modo similar às reflexões de Travaglia, que se refere à importância de estudar e compreender as variações existentes na língua, este artigo utiliza-se das contribuições de um grande defensor das diversas formas de falar dos brasileiros e militante contra o preconceito linguístico: Marcos Bagno (1999). Ele afirma que, apesar de existirem muitas formas de combate a diversos tipos de preconceitos no Brasil, ainda perdura um tipo de preconceito muito corriqueiro, denominado preconceito linguístico.

Além disso, Bagno (1999) diz que os principais materiais didáticos que tratam do ensino da língua contribuem para a disseminação desse tipo de preconceito, bem como os grandes meios de comunicação da atualidade incentivam um modelo de linguagem através de “certo” e “errado”. Contudo, é válido destacar que a Sociolinguística Educacional procura, a partir de



seus estudos, insistentemente dentro da sala de aula, desenvolver a educação propondo que o aluno aprenda a língua materna com base em materiais didáticos que contemplem os diversos modos de falar.

5. Ensino das variedades linguísticas à luz da BNCC

Existe no Brasil um documento educacional denominado Base Nacional Comum Curricular, estabelecendo os conteúdos básicos que devem ser trabalhados em todos os níveis da educação. Assim, apesar de a BNCC visar a igualdade no sistema da educação brasileira, sendo público ou privado, da educação infantil ao ensino médio, este artigo utiliza-se especificamente do componente Língua Portuguesa para o ensino fundamental.

De acordo com a BNCC, a quarta competência específica para esse nível de ensino é: “CELP04: compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.” (BRASIL, 2017, p. 87). Isto é, o aluno deve ter contato com os diversos modos de falar existentes na sociedade, para que percebam que não existem modelos a serem seguidos, e o preconceito linguístico seja reduzido no Brasil.

A BNCC propõe como uma das habilidades a ser desenvolvida: “(EF69LP55) reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.” (BRASIL, 2017, p. 161). Ou seja, propõe que o aluno identifique as variações linguísticas e a norma-padrão através dos gêneros textuais. Do mesmo modo, através da primeira competência específica de LP para o ensino fundamental, propõe: “CELP01: compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem” (BRASIL, 2017, p. 87), ou seja, deve-se abordar a o caráter de heterogeneidade e variabilidade da língua de acordo com a situação comunicativa.

Por fim, o documento educacional BNCC é muito relevante no que tange à educação básica no Brasil. Assim sendo, este artigo analisará se o livro didático em estudo está alinhado às suas orientações, especificamente a do 6º ano do ensino fundamental. Além disso, espera-se que o LD aborde as variações linguísticas de forma didática, com o intuito de que o aluno amplie o seu repertório linguístico.

6. O LD e os gêneros textuais



O LD de Costa e Marchetti (2018) apresenta textos multissemióticos, isto é, compostos por linguagem verbal, visual, sonora e digital. No capítulo 2, da unidade 1 do LD, as autoras tratam dos gêneros textuais e asseveram que eles são as diversas formas que os textos se apresentam de acordo com o registro de linguagem, os interlocutores, o contexto de produção e a intencionalidade. (COSTA, MARCHETTI, 2018, p. 29). Sob o mesmo ponto de vista, no capítulo 1 da unidade 4 (figura 2), as autoras propõem a escrita de uma notícia que fará parte de um jornal-mural que será colocado em um lugar de alta circulação próximo à escola.

Figura 1 – Proposta de produção textual: notícia

AGORA É COM VOCÊ!

ESCRITA DE NOTÍCIA

PROPOSTA

Você vai exercer o papel de jornalista e escrever uma notícia sobre um fato ocorrido em seu bairro. A notícia fará parte de um jornal-mural que será afixado em um local de alta circulação perto da escola, como um posto de saúde ou um estabelecimento comercial. Os leitores serão os moradores da região ou as pessoas que circulam por ela.

GÊNERO	PÚBLICO	OBJETIVO	CIRCULAÇÃO
Notícia	Frequentedores do local selecionado; moradores do bairro	Relatar um fato local relevante e de interesse público	Jornal-mural a ser afixado no bairro

PLANEJAMENTO E ELABORAÇÃO DO TEXTO

- Para escrever sua notícia, pesquise os fatos ocorridos recentemente em seu bairro ou que vão acontecer em breve. Por exemplo, a inauguração de um estabelecimento comercial ou de um centro esportivo, uma festa típica, um evento cultural, uma campanha de vacinação, entre outros.
- Faça um levantamento cuidadoso dos dados desse fato que podem ser úteis ao leitor do jornal. Para isso, construa um quadro no caderno como o indicado a seguir, com as perguntas essenciais a que uma notícia costuma responder, e preencha-o com os dados da sua notícia.

O QUÊ? QUEM? QUANDO? ONDE? POR QUÊ? COMO?

LINGUAGEM DO SEU TEXTO

- Na notícia "Cientistas apresentam maior dinossauro do Brasil", são usados verbos de elocução para apresentar a opinião das pessoas entrevistadas. Quais são esses verbos? Qual é a relação dessas pessoas com o fato divulgado?
- Nos dois primeiros parágrafos dessa notícia, que locuções adjetivas ou adjetivos informam que o Brasil tinha dinossauros enormes e que um titanossauro tinha um longo pescoço?

Para indicar a fala de uma pessoa em sua notícia, utilize aspas e verbos de elocução. Faça uso adequado dos adjetivos, preferindo aqueles que informam ao leitor alguma característica essencial sobre o evento relatado. Lembre-se de empregar o registro formal de linguagem. Quando reler seu texto, observe se a pontuação está adequada, conferindo clareza e fluência à notícia.



Fonte: Costa e Marchetti (2018, p. 118-119).

Nessa perspectiva, Costa e Marchetti (2018), no capítulo 1, mostram aos alunos as principais características do gênero notícia, como o título, linha fina, corpo da notícia, imagens, legenda, meio de circulação e tipo de linguagem empregada. Para a produção textual, foram apresentados pelas autoras os elementos composicionais fundamentais que orientarão os alunos na elaboração da notícia, especialmente após o desenvolvimento dos conteúdos desde o início do capítulo: gênero, público, linguagem, escrita, objetivo e circulação.

Evidencia-se que um conteúdo muito relevante está sendo abordado nesta proposta de produção textual: a variação linguística, que está diretamente relacionada ao tratamento dado às contextualizações de produção de textos em diferentes contextos comunicativos. É de extrema importância que as leituras e produções textuais sejam baseadas no cotidiano do aluno, tendo em vista que este percebe a relevância de escrever, participar das aulas e atividades propostas.

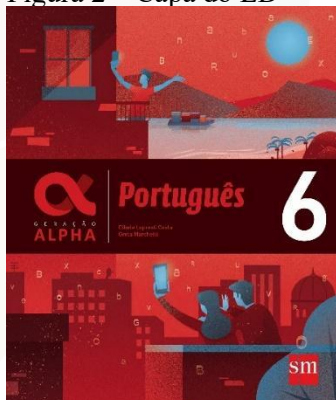
Conforme a BNCC: “[...] o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/ uso da linguagem.” (BRASIL, 2017, p. 67). Dessa maneira, os alunos desenvolvem suas habilidades a partir dos conhecimentos adquiridos acerca do gênero estudado. Assim sendo, de acordo com Travaglia (1998), um dos objetivos do ensino de língua materna é que os professores de português devem ensinar as variedades da língua, sejam elas escritas ou a norma-padrão, com o objetivo de que o discente utilize a variação mais apropriada à cada situação comunicativa.

7. O livro didático e a variação linguística

O LD em análise apresenta oito gêneros textuais predominantes para embasar os conteúdos programáticos. Na unidade 1, o gênero é narrativa de aventura; na unidade 2, é o conto popular; já na 3, é história em quadrinhos; na 4 é o gênero notícia; na 5 é o relato de viagem e de experiência vivida; na unidade 6, é o gênero poema; na unidade 7, apresenta biografia e anúncio de propaganda como gêneros textuais e, por fim, na unidade 8, a entrevista é o gênero textual base. Assim sendo, foram escolhidas atividades pontuais para esta análise; entretanto, a variação na língua portuguesa é abordada em outros vários capítulos ao longo do LD. Abaixo, segue a imagem da capa do LD para uma melhor descrição:



Figura 2 – Capa do LD



(COSTA; MARCHETTI, 2018)

As autoras evidenciam logo no primeiro capítulo (p.19) qual a concepção de língua que orienta o LD mencionado: a de língua como interação. Assim sendo, o LD compartilha a concepção de língua assumida pela Sociolinguística, haja visto que, segundo Alkmim (2012), essa área de estudo possui como foco central a interação verbal entre indivíduos orientados pelas mesmas regras. Dessa maneira, observa-se que de uma forma implícita, essa definição atravessa todo a estrutura do LD, como referência para as atividades de análise linguística e produção textual, como será demonstrado ao longo deste trabalho.

Nessa perspectiva, é válido trazer a atividade considerada mais representativa no que tange à variação linguística regional. Ela está localizada na unidade 2, na página 51 do LD. As autoras utilizam a música: *Óia eu aqui de novo*, do compositor Antônio Barros, interpretada por Luiz Gonzaga. Assim sendo, identificou-se que as autoras poderiam utilizar a proposta para abordar as marcas da oralidade, tendo em vista que as canções interpretadas pelo Rei do Baião apresentam tais aspectos. Assim sendo, logo abaixo é ilustrada a atividade para uma melhor análise e interpretação:

Figura 3 – Atividade sobre variação linguística regional



1. Leia a letra de música abaixo e responda às questões.

Óia eu aqui de novo

Óia eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo para xaxar

Vou mostrar pr'esses cabras
Que eu ainda dou no couro
Isso é um desaforo
Que eu não posso levar
Que eu aqui de novo cantando
Que eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo xaxando
Óia eu aqui de novo mostrando
Como se deve xaxar

Vem cá morena linda
Vestida de chita
Você é a mais bonita
Desse meu lugar
Vai, chama Maria, chama Luzia
Vai, chama Zabé, chama Raque
Diz que tou aqui com alegria
Seja noite ou seja dia
Eu tô aqui pra ensinar xaxado
Eu tô aqui pra ensinar xaxado
Eu tô aqui pra ensinar



Antônio Barros. *Óia eu aqui de novo*. Intérprete: Luiz Gonzaga.
Disponível em: <<http://luzluagonzaga.mus.br/site/2009/01/27/ia-eu-aqui-de-novo/>>.
Acesso em: 30 jul. 2018.

- a) Qual é o significado da palavra *xaxado*? Se necessário, procure <http://luzluagonzaga.mus.br/site/2009/01/27/ia-eu-aqui-de-novo/>
- b) Na primeira estrofe, o eu lírico revela um objetivo. Qual?
- c) Que termo da primeira estrofe está em desacordo com a norma-padrão? Como essa palavra é registrada na norma-padrão?
- d) Qual é o efeito produzido pelo uso dessa expressão da forma como aparece no texto?
- e) Cite um verso da música que caracteriza uma fala regional.

Fonte: Costa e Marchetti (2018, p. 51).

Na atividade apresentada na figura 1, observa-se que é colocada para o aluno a letra da canção interpretada por Luiz Gonzaga. O LD não menciona quem foi Luiz Gonzaga, isto é, seria possível explorar questões da cultura popular nordestina, por exemplo. Sob esse viés, percebe-se que, apesar de utilizarem uma linguagem popular regional, a norma-padrão é colocada como ponto de referência, principalmente nos questionamentos. No item “a” da referida atividade, há o seguinte questionamento: “Qual é o significado de xaxado? Se necessário, procure no dicionário”. Nessa tarefa, as autoras sugeriram o uso de dicionários, sem orientar o aluno, tendo em vista que existem diversos tipos de dicionários na língua portuguesa e formas de definição, por exemplo, a etimologia da palavra ou classe gramatical da qual ela pertence.

Diante disso, conforme Alkmim a variação regional relaciona-se com as diferenças linguísticas lexicais e fonéticas regionais do Nordeste e Sudeste. Além disso, a norma-padrão faz-se presente no item “c” da atividade, que, apesar de utilizarem um termo regional, mencionam “desacordo com a norma-padrão”, ou seja, colocam-na de forma equivocada como modelo. Em face do exposto, nas próximas seções, discutem-se como o preconceito linguístico é abordado no livro didático, pois este é um tema importante para a aprendizagem da língua portuguesa.

8. O LD e o preconceito linguístico

Revista de Estudos Acadêmicos de Letras, vol. 18 nº 01 (2025): e11729

ISSN: 2358-8403

<https://doi.org/10.30681/real.v18i01.11729>



Para Bagno (1999), o preconceito linguístico resulta da imposição do modelo de linguagem tido como correto, menosprezando o uso da língua em situações reais de uso. Nesse sentido, nota-se que esse assunto está intimamente relacionada com o tema central deste artigo: a variação linguística, tendo em vista que a língua portuguesa apresenta diversas possibilidades dos indivíduos se expressarem e que, em certas situações, podem sofrer rejeição com base nessa ideia de “certo” e “errado”. Além disso, com o intuito de minimizar essa intolerância é fundamental que o tema seja abordado em sala de aula, principalmente em materiais didáticos dos anos iniciais.

No LD em análise, observa-se que, na unidade 2, as autoras apresentam uma atividade que trata do preconceito linguístico. Para tanto, utilizam as variedades sociais para adentrar no conteúdo, tendo em vista que, muitas vezes, essa intolerância ocorre devido a uma comparação equivocada entre a maneira de falar das pessoas com um modelo tido como o correto uso da língua. Assim sendo, como já mencionado, o LD de Costa e Marchetti (2018) apresenta uma característica latente: a diversidade textual. A seleção criteriosa de variados gêneros textuais favorece a abordagem do tema do preconceito linguístico, de modo específico, e da variação linguística, de modo geral.

A título de exemplificação, tem-se a tira “A invasão da tiponite aguda”, de Adão Iturrusgarai (COSTA; MARCHETTI, 2018, p. 63), utilizada para tratar de um termo comum na fala de um determinado grupo social, a gíria. Sabe-se que a gíria é uma palavra ou expressão utilizada por uma faixa etária mais jovem, como também por outros grupos na sociedade em registros informais de comunicação. Esta é comumente utilizada como apoio linguístico, tendo em vista que não apresenta uma definição específica.

Figura 4 – Atividade sobre gíria e variedade social

VARIEDADES SOCIAIS

3. Leia a tira a seguir inspirada em um fenômeno linguístico.



Adão Iturrusgarai.

- Qual é o termo que se repete na tira?
- Na tira, em que situações o termo identificado é usado?
- O termo identificado é uma gíria, ou seja, uma variedade ligada a um grupo social. A princípio esse termo era comum na fala de alguns adolescentes, com o tempo passou a ser adotado por outros grupos. Qual é a intenção do cartunista ao usar o termo nas situações apresentadas?
- De que forma o título da tira se relaciona com essa intenção do cartunista?

Fonte: Costa e Marchetti (2018, p. 63).



É de suma importância apontar a riqueza de detalhes, como a de linguagem verbal e não-verbal e de intertextualidades, pois primeiramente é retratada a canção *Águas de março* (1972), de Tom Jobim; já o segundo quadrinho, envolve literatura, com o romance *O apanhador no campo de centeio* (1951), de J. D. Salinger. No terceiro quadrinho, é abordado o filme *Casablanca* (1942), e o último corresponde a uma pintura. Todas essas referências são adaptadas ao uso da gíria “tipo”. Em suma, observa-se que esses apontamentos já solucionam o item “b” da atividade proposta pelas autoras.

No que se refere ao item “a” da questão 3, as autoras questionam qual termo se repete na tira, fazendo com que os alunos percebam que a gíria “tipo” está sendo empregada de forma desnecessária. Já o item “c” relaciona-se com o efeito de humor a partir do uso exagerado da gíria em diferentes situações comunicativas. Por fim, no item “d”, as autoras questionam a escolha da expressão “tiponite aguda” para nomear a tira, que pode estar relacionado com algum tipo de doença, pois geralmente a terminação *-ite* é associada à inflamação e o termo *agudo* é algo muito intenso.

Dessa forma, abordar esse tema é relevante para discutir as variedades linguísticas, visto que o público discente pode se identificar com o uso de “tipo” em seu cotidiano. De acordo com Alkmim (2012), a idade é um dos fatores que integra a variação linguística social, em que o uso de gírias é bastante utilizado pelos adolescentes. Nesse viés, percebe-se que as autoras novamente contemplam a habilidade 55 do ensino fundamental do 6º ao 9º de LP da BNCC, tendo em vista que os alunos terão contato com as variedades sociais e, de certa maneira, essa atividade contribui para a ampliação do seu repertório linguístico, haja vista que demonstra que a gíria pode ser usada em diversas situações comunicativas e que não é errado utilizá-la.

Contudo, os falantes, dependendo do contexto comunicativo em que se encontram, podem sofrer preconceito linguístico ao fazerem uso desse termo. Do mesmo modo, a quarta questão da atividade é destinada para um diálogo entre a turma e o professor, com o objetivo de investigar se o preconceito linguístico faz parte da realidade do aluno atualmente. Conforme Bagno (1999), ainda existe esse tipo de preconceito na sociedade brasileira, em que as variedades em situações reais de uso são rejeitadas e tidas como incorretas.

Figura 5 – Atividade sobre preconceito linguístico



4. Você observou o uso de uma gíria na atividade anterior.
- Você costuma usar gírias? Já foi criticado por usá-las? Em que situações?
 - Leia esta definição de preconceito linguístico:

O termo *preconceito* designa uma atitude prévia que assumimos diante de uma pessoa (ou de um grupo social), antes de interagirmos com ela ou de conhecê-la, uma atitude que, embora individual, reflete as ideias que circulam na sociedade e na cultura em que vivemos. Assim [...] uma pessoa [...] pode receber avaliações negativas por causa da língua que fala ou do modo como fala sua língua.

Preconceito linguístico. *Glossário do Ceale*. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/preconceito-linguistico>>. Acesso em: 29 jul. 2018.

- Você já se deparou com uma situação de preconceito pelo fato de uma pessoa ou grupo usar determinada variedade linguística? Conte aos colegas.

Fonte: Costa e Marchetti (2018, p. 63).

Em suma, percebe-se que, no item “a” da questão 4, as autoras questionam aos alunos se eles fazem uso ou não de gírias, com o intuito de compartilhar experiências dentro da sala de aula, ou seja, dar voz ao discente. Além disso, nota-se que, após o debate, os alunos podem adquirir o conhecimento de que em determinados contextos comunicativos o uso de gírias não será adequado. No item “b”, as autoras dispõem da definição dicionarizada do preconceito linguístico para que a turma perceba que, apesar de existir no Brasil, não é certo impor um modelo de língua ideal e desvalorizar a utilização real da língua.

A partir dos questionamentos, evidencia-se que fazem o uso da primeira competência específica de LP para o ensino fundamental: “CELP01: Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.” (BRASIL, 2017, p. 87). Ou seja, é mostrado ao aluno que a língua apresenta o caráter de heterogeneidade e variabilidade de acordo com a situação comunicativa.

Assim sendo, identifica-se, também, que as autoras utilizam a quarta competência específica da língua portuguesa para o ensino fundamental, a saber: “CELP04: Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.” (BRASIL, 2017, p. 87). Isto é, a seção favorece ao discente a compreensão da variação linguística e através do conhecimento desta, busca minimizar o preconceito linguístico na sociedade brasileira.

9. Conclusão

Durante esta pesquisa, foi investigado como a variação linguística é abordada em um livro didático (LD) de língua portuguesa do 6º ano do ensino fundamental, das autoras Cibele Lopresti Costa e Greta Marchetti (2018). Tendo como justificativa de que variação da língua é pertinente no âmbito do ensino de língua portuguesa, pois oportuniza a ampliação do repertório



linguístico dos alunos. Além disso, essa temática está presente na BNCC, ou seja, faz-se necessário que o LD esteja alinhado às suas orientações.

Ademais, sob a perspectiva de que a língua é heterogênea, é necessário minimizar o preconceito linguístico, valendo-se do contexto da sala de aula e do potencial das contribuições da Sociolinguística Educacional. Foram analisadas atividades relacionadas à oralidade, à relação entre fala e escrita, à produção de textos e suas relações com os contextos comunicativos, com foco nos exercícios de análise linguística e de produção textual, observando a diversidade de gêneros textuais contemplados no LD. Os resultados demonstram que as autoras abordam, a partir de diferentes gêneros textuais, a variação linguística.

Entretanto, por vezes, como na atividade referente à variedade regional, em que é abordada a letra da canção *Óia eu aqui de novo*, do compositor Antônio Barros, interpretada por Luiz Gonzaga (COSTA; MARCHETTI, 2018, p. 51), a oralidade é confrontada com a norma-padrão, especialmente quando o aluno é questionado a identificar uma palavra que esteja em desacordo com a norma-padrão. Assim, é notório que o LD busca seguir as orientações da BNCC, mas alguns exercícios são superficiais e privilegiam a variedade padrão como modelo de uso da língua. Além disso, a abordagem de alguns conteúdos é fragmentada, pois em cada capítulo é tratado um aspecto diferente da variação linguística, mas este não é retomado no capítulo seguinte.

Por outro lado, o LD apresenta diversas características relevantes, como: dentro de cada unidade há uma estrutura que combina conteúdos, atividades e produção de texto, bem como a diversidade textual, como defende Travaglia (1998), sob a perspectiva de ampliar a competência comunicativa dos discentes. Além disso, contempla questões que levam o aluno a refletir sobre valores universais, com proposta de produção textual em todas as unidades, focando situações reais de uso da língua em determinadas atividades. É válido apontar que as autoras compartilham da concepção de Bortoni-Ricardo (2014) no que tange à utilização das pesquisas da Sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa.

Por fim, é possível afirmar que este trabalho apresenta algumas lacunas em sua composição, que poderiam ser tratadas em outras pesquisas mais aprofundadas, exemplificadas nos seguintes questionamentos: “Como é possível relacionar o que traz o livro didático e o que recomenda o manual do professor?” Ou seja, deve-se analisar o que falta de informação no LD do aluno que é contemplado no do professor. Além disso, “Como os professores abordam o tema em sala de aula com o livro didático que têm em mãos?”, isto é, há a possibilidade de fazer um estudo de campo, por meio da observação ou de outro método, para identificar como o tema



é abordado na prática? Os docentes complementam o assunto, contextualizam ou aproximam o tema da realidade linguística dos estudantes? Assim, será possível compreender como o LD é utilizado em sala de aula, se é apenas um apoio ou o centro do desenvolvimento da aula.

Além disso, uma terceira forma de análise é através do estudo da percepção sociolinguística entre professores e alunos. Professores e alunos refletem sobre a variedade linguística que utilizam no dia a dia? Assim, pode-se realizar pesquisa de campo com o intuito de investigar se os alunos e professores percebem que a todo momento utilizam a variação linguística e qual a sua importância na sociedade.

10. Referências

ALKIMIN, Tânia Maria. Sociolinguística: parte 1. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v.1. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 23-50.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999, p. 1-14.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014, p. 157- 167.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. p. 67-191. Disponível em: <[BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf\(mec.gov.br\)](#)> Acesso em: 28 jul. 2022.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em:< [Português\(mec.gov.br\)](#)> Acesso em: 25 jul. 2022.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. *In*: MARTELLOTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 141-155.

COSTA, Cibele Lopresti; MARCHETTI, Greta. **Geração alpha língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais: 6º ano. 2º ed**. São Paulo: Edições SM, 2018.

DIAS, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **Contribuições da sociolinguística educacional para materiais de formação continuada de professores de língua portuguesa**. 2011. 323 f. Tese (Doutorado em Linguística) —Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em:<<https://repositorio.unb.br/handle/10482/9336>> Acesso em: 20 jun. 2022.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1998, p. 17-66.